

# Era uma vez

TERESA COLOMER

**C**laro que não é nenhum segredo que a narração de histórias está muito presente em nossa vida: na televisão, no cinema e entre as pessoas. E todo mundo costuma se interessar, opinar a respeito ou perguntar: “E como terminou?”. Também ouvimos ou utilizamos com frequência jogos de palavras, repetições de sons, canções ou imagens verbais. Elas nos provocam um efeito estético e gratuito que nos faz escutar com atenção, intervir no jogo ou lembrar um verso. As crianças nascem com essa predisposição humana para as palavras, para seu poder de representar o mundo, de simplificar e organizar o caos desordenado da existência ou de criar e expressar sensações, sentimentos e beleza. Quando na metade do século XX os psicolinguistas começaram a estudar o desenvolvimento da linguagem dos bebês ou a maneira como os humanos tentam dar sentido às coisas, não estavam especialmente preocupados com a literatura. Mas logo descobriram que a literatura sempre estava presente. Nos monólogos das crianças pequenas, no berço, repetindo sozinhas cadências e palavras que haviam escutado, em sua insistência para voltar a pular sobre o colo ao ritmo de uma canção ou para voltar a enumerar de forma personificada os dedos das mãos nos personagens de ficção que misturavam nas histórias inventadas de suas brincadeiras ou nas fórmulas tipificadas, como os inícios ou as formas verbais, que desde muito cedo eram utilizadas para que conseguissem se explicar.

A literatura para crianças, independentemente de ser apresentada de forma oral, escrita ou por meio das gravações e dos audiovisuais, é um instrumento culturalizador de primeira ordem, e nenhuma cultura deixou que fosse perdido. Nesse sentido, essa literatura se transforma em uma verdadeira “escada” que ajuda os pequenos a dominar formas cada vez mais complexas de usos distanciados de linguagem e de representação artística: tramas mais complicadas, maior número de personagens, perspectivas narrativas menos comuns, ambiguidades entre ficção e realidade, finais abertos, gêneros literários cada vez mais diversificados etc. E faz tudo isso oferecendo às crianças um “corrimão”, já que se coloca à altura dos receptores, ao mesmo tempo em que os impulsiona e lhes dá apoio para que subam cada vez mais alto. É o caso, por exemplo, dos livros para leitores iniciantes, que utilizam a imagem, a fragmentação em sequências curtas ou os recursos de

repetição-variação do texto para facilitar a leitura autônoma de algumas crianças que, até os seis ou sete anos, têm pouca habilidade leitora, mas muita capacidade para entender histórias.

Uma primeira função da literatura infantil é a de ingressar no imaginário humano configurado pela literatura. O termo “imaginário” foi utilizado pelos estudos antropológico-literários para descrever o imenso repertório de imagens simbólicas que aparecem no folclore e continuam vivas na literatura de todos os tempos. São imagens, símbolos e mitos que os humanos utilizam como formas tipificadas de entender o mundo e as relações com os demais: o círculo como imagem de perfeição, as cinzas como forma de desolação, a viagem pela água como forma de travessia... Essas imagens, temas e motivos fazem com que as pessoas consigam utilizá-los para dar forma a seus sonhos, canalizar suas pulsões ou adotar diferentes perspectivas sobre a realidade.

Do ponto de vista do campo da psicologia, a corrente psicanalítica foi a primeira a destacar a importância dos contos na construção da personalidade. Para dar um exemplo concreto, Bruno Bettelheim utilizou os contos para ajudar terapêuticamente crianças traumatizadas por sua experiência nos campos de concentração nazista. Depois, no final dos anos 1970, surgiu a reflexão sobre o papel do folclore como material literário sabiamente propagado através dos séculos para trabalhar os conflitos psicológicos da etapa infantil. Muitas vezes as versões originais dos contos populares incomodam os adultos pela violência e crueldade que contêm. Mas, em compensação, isso nunca impressionou os meninos e as meninas que recebem sem saber a mensagem simbólica neles contida. São mensagens implícitas, como a que afirma: “Se nos esforçarmos o suficiente sempre poderemos sair vitoriosos”; ou motivos que permitem trabalhar conflitos básicos ao se transferir, por exemplo, os sentimentos ambivalentes relacionados à mãe para a figura da madrasta.

As crianças se familiarizam com muitos elementos do imaginário por meio do folclore e das histórias que explicam a elas, desde os pequenos personagens, como Garbancito<sup>1</sup> ou os anões, até a existência ficcional dos anéis mágicos ou dos bosques adormecidos. Isso permite que elas compartilhem grande número de referentes com sua coletividade, entendam muitas alusões culturais do ambiente em que vivem e experimentem o incontestável prazer de reconhecer esses elementos durante a leitura de novas obras.

Uma segunda função da literatura para crianças é que ela facilita a aprendizagem dos modelos narrativos e poéticos utilizados em cada cultura. Sem muitas programações escolares, métodos específicos ou exercícios sistemáticos, as crianças que vivem em um meio literariamente rico progridem muito rapidamente no domínio das diferentes possibilidades de estruturar uma narração ou o ritmo de alguns versos, nas expectativas daquilo que se pode esperar dos diferentes tipos de personagens, na existência de regras próprias de gêneros narrativos ou poéticos determinados, no leque de figuras retóricas disponíveis etc. Assim, uma fábula ordenada em sequências ou uma do tipo acumulativa, um feitiço ou uma adivinha,

1. Conto tradicional catalão sobre um menino tão pequeno que cabia na palma da mão. No Brasil, *O pequeno polegar*. (N. de T.)

uma personificação ou um animal humanizado, uma metáfora ou as possibilidades engraçadas de uma polissemia se transformarão em coisas familiares antes mesmo de ninguém ter se preocupado em etiquetá-las com esses nomes.

Por isso, é importante que a experiência literária dos meninos e das meninas seja bem variada, tanto se pensarmos nas atividades — brincadeira de colo, de roda, narrações, adivinhas etc. — compartilhadas com eles, como se prestarmos atenção aos livros que colocamos a seu alcance — livros de imagens, livros-jogos, álbuns, contos de diversos tipos, canções, poemas, fábulas, contos de humor, de aventura e um longo et cetera que deveria nos levar a examinar com cuidado as estantes da biblioteca infantil para saber se já estão ali.

Uma terceira função exercida pela literatura de crianças é a de ampliar o diálogo entre a coletividade e os pequenos para fazer com que eles saibam como é ou como gostaríamos que fosse o mundo. Ao identificar as imagens ou as ações dos personagens, as crianças não aprendem apenas o que existe ou o que acontece ao seu redor, mas os valores atribuídos a todas essas coisas: o que se considera correto ou errado, bonito ou feio, normal ou exótico, apropriado para alguns ou para outros etc. Em todos os tempos a literatura cumpriu essa função socializadora, simplesmente porque fala dos humanos, isto é, porque nos permite ver com os olhos dos outros, e a partir de pontos de vista diferentes, como as pessoas podem se sentir, como valorizam os fatos, como enfrentam seus problemas ou o que significa seguir ou transgredir as normas em cada caso.

De fato, a intenção dos primeiros livros escritos deliberadamente para crianças era essa. Cumpriam uma função didática cuja proposta era ensinar a se comportar, mostrar como sermos obedientes, caridosos ou decentes. O mais comum, quando essa função predomina, é que os livros se distanciem da verdadeira ação educativa da literatura, pois é muito difícil que esta seja exercida por meio de premissas tão superficiais e explícitas. Apesar do tempo que passou, precisamos destacar que, hoje, grande parte dos livros continua insistindo nesse afã orientador. O que mudou é que agora os valores são diferentes e os livros querem nos ensinar como ser imaginativos, solidários ou cívicos. É claro que queremos dar às crianças livros que reflitam situações e conflitos próprios de nosso mundo, como as novas formações familiares, a imigração ou os medos infantis. O problema é conseguir que esse mundo seja oferecido “a partir da literatura”, e não “a partir da pedagogia”. Também é preciso assinalar que não devemos tornar maior o efeito dessa intenção educativa, como tendemos a fazer como adultos, nem pensar que os modelos propostos são transferidos mecanicamente para as crianças leitoras. Por um lado, os livros são apenas *uma* das inúmeras fontes de socialização que unem as crianças em seu crescimento. Por outro, aquilo que a história se propunha a dizer, o que ela realmente diz e o sentido que, de qualquer modo, o receptor lhe dará são três coisas que geralmente não coincidem.

As sociedades ocidentais atuais têm uma imensa produção de livros infantis capaz de cumprir os propósitos culturais que agora esquematizamos em três funções. As crianças sentem curiosidade e prazer por essas formas de arte e ficção. Esse é o

real motivo que pode fazer com que elas se transformem em leitores. Mas para que isso aconteça é necessário que três condições sejam cumpridas: a primeira é que percebam que os adultos também consideram a literatura e os livros como algo interessante e prazeroso; a segunda é que tenham ajuda suficientemente contínua para aprender a ler e conseguir autonomia em sua leitura e a terceira é que aquilo que leem continue mantendo a ideia de que vale a pena fazer isso. Existe um tempo — pouco mais de dez anos — e um número de obras — vamos pensar em cerca de quinhentas no máximo — para que as crianças percorram esse caminho. Assim, é muito importante escolher bem os livros e pensar em boas formas de acompanhar as novas gerações na viagem que a literatura prepara para elas “*de casa para o mundo*”.